

CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO ( PÔSTER )

NOME: NATHÁLIA DE OLIVEIRA SOUZA

TÍTULO: A OUTRA ESCRITA: ESPAÇO DE REFLEXÃO DE MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DA DIFERENÇA.

AUTORES: LÍDIA MARIA NAZARÉ ALVES, NATHÁLIA DE OLIVEIRA SOUZA, NATHÁLIA DE OLIVEIRA SOUZA, LÍDIA MARIA NAZARÉ ALVES, LEONARDO GOMES DE SOUZA, FERNANDA SOARES WENCESLAU

AGÊNCIA FINANCIADORA (se houver): PAPq

PALAVRA CHAVE: ORALIDADE, LITERATURA, NARRADORES DE JAVÉ.

## RESUMO

Este trabalho filia-se ao projeto "Representações da crise: Interseção de fontes literárias". Entende-se por outra escrita, a escrita marcada pela oralidade. Esta manifesta-se na perspectiva de ação do "homem vivente" (BAKHTIN, 2011, p. 128), o homem que "se estabelece ativamente de dentro de si mesmo no mundo" (BAKHTIN, 2011, p. 128): a oralidade é a linguagem que nasce da interioridade humana e se compõe como meio de comunicação do ser com o mundo. Ela pauta-se no agir "através do ato, da palavra, do pensamento, do sentimento" (BAKHTIN, 2011, p. 128). Com isso, a mimetização da oralidade por meio da literatura revela o desejo de uma escrita subjugada pela imposição da cultura colonizadora sobre a literatura nacional, denunciando um literário que beneficiou determinadas vozes em detrimento de outras. Essa construção histórico-literária da matriz colonizadora é colocada em xeque na modernidade pelo processo que Zygmunt Bauman (2011) chamou de liquefação. Sendo assim o moderno/contemporâneo revolucionou o fazer literário ao introduzir neste a oralidade. Desde então, fontes literárias tradicionais e modernas pululam nas páginas da literatura. Uma obra que representa esse movimento – concebido como de crise - é o filme "Narradores de Javé" (2003). Essa discussão justifica-se por viabilizar a construção do "leitor-modelo" (ECO, 1994, p.14), da pessoa crítica ante as diversas vozes sociais que compõem o binômio dominante/dominado. Neste rumo entendemos o texto fílmico como uma metáfora da colonização do Brasil e a usurpação da terra pela matriz colonizadora: os habitantes de Javé se assemelham aos povos indígenas, ambos na condição de dominados. Na perspectiva da linguagem o filme ao dar voz peculiar a sujeitos invisibilizados constrói novas versões de um passado que não se fecha no nível individual, mas é uma nova face do todo que é, na oralidade constituída e reconstruída. A metodologia utilizada é qualitativa de cunho bibliográfico pautando-se na análise documental.